

DIABOS NO SERTÃO: FAZENDO FAMÍLIA, (RE)FAZENDO GÊNERO

DEVILS IN THE WILDERNESS: BUILDING FAMILY, (RE)MAKING GENDER

Luana Braga Batista 1

Resumo: Este artigo é fruto de uma discussão teórica facilitada pelo curso de gênero e família, ministrado no Museu Nacional - UFRJ durante o primeiro semestre de 2019. A partir dos dados de uma etnografia produzida para minha dissertação de mestrado em Antropologia Social, trago uma discussão acerca do gênero, da família e da raça para pensar como os marcadores sociais de gênero e raça estão o tempo todo fazendo e desfazendo família ao mesmo tempo em que estão negociando o poder feminino na família de Durreis. A proposta é pensar o conceito de família no campo da antropologia em mediação e construção com a raça e o gênero na chave do feminino, pensando ruptura, mediação e afronta naquilo que vem a ser a minha familigrafia, demonstrando as negociações e a circulação desse poder cosmológico diabólico no gênero marcado pela raça e pelo letramento.

Palavras-chave: Gênero. Família. Geração. Raça. Sertão baiano.

Abstract: This article is the result of a theoretical discussion facilitated by the course of gender and family, given at the Museu Nacional - UFRJ in the first semester of 2019. From the data of an ethnography produced for my master's dissertation in Social Anthropology, I bring a discussion about the gender, the family and the race to think about how gender and race markers are all the time building and breaking family while negotiating female power in Durreis's family. I propose to think about the concept of family in the field of anthropology in mediation and construction with race and gender in the key of feminine thinking rupture, mediation and affront in what comes to be my family, demonstrating the negotiations and circulation of this diabolical cosmological power in the gender marked by race and literacy.

Keywords: Gender. Family. Generation. Race. Sertão baiano.

*Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de
alguém, provavelmente a minha própria vida.
-Clarice Lispector.*

Pensando a família

Durante a disciplina de Gênero e Família ministrada pelas professoras Adriana Vianna e Camila Fernandes, discutimos como as relações de gênero e os domínios de família estão sempre conectados e se produzindo ao mesmo tempo que produzem visões de mundo, projetos políticos, horizontes morais, desejos pessoais e coletivos.

A este respeito partimos de referências para pensar como a temática se estabeleceu e se tornou clássica no campo das ciências sociais, sobretudo na antropologia dentro de suas intersecções de raça, classe, parentesco e outros.

Abrindo o debate com Claudia Fonseca (2010), foi possível perceber como o debate se constituiu e foi disputado dentro da antropologia, segundo os apontamentos de Fonseca, família era pouco estudada no campo das ciências sociais e como o debate traçado nos anos 1960/70 foram importantes para se pensar a própria disciplina e os objetos terceiros, de como se fala em parentesco e como se fala em família. Era como se parentesco fosse coisa de antropólogo e família da chave da história, da sociologia, enquanto antropólogos tratavam de família na sombra da discussão do parentesco.

Até os anos 70, havia uma divisão tácita entre estudiosos da “família” – geralmente sociólogos e historiadores que versavam sobre as “sociedades complexas” – e antropólogos que se concentravam na análise das “dinâmicas de parentesco” tidas como fundamentais na organização social de sociedades “tribais” ou “tradicionais”. Ainda nos anos 80, os principais antropólogos aceitavam o desafio de falar de “a família” – se por nenhum outro motivo senão de se contrapor aos estereótipos do senso comum. Em repetidos artigos expondo a diversidade da “família humana”, esses pesquisadores recorriam a dados etnográficos de estudos em sociedades “tradicionais” para desnaturalizar as percepções sobre essa esfera (ver os artigos clássicos de Lévi-Strauss 1956, Françoise Héritier 2000 [1985], Eunice Durham 1983). Ao mesmo tempo, junto com historiadores e demógrafos passaram a documentar a tremenda diversidade de formas familiares na história de sociedades complexas, consolidando um consenso de que essa “instituição social” (como qualquer outra) só podia ser entendida quando solidamente alicerçada no contexto social, político e econômico que a produziu (ver CORRÊA, 1982). (FONSECA, 2010).

A partir disso existe todo um movimento que é contemporâneo na época dos anos 70, que é auto reflexivo e faz parte de um debate pós colonial, surge um debate acerca daquilo que vinha sendo produzido como parentesco que passa por um processo de desnaturalização muito denso e passa a entender família como um objeto legítimo de escolha analítica e não mais uma sombra do parentesco, havendo assim uma separação analítica radical entre ambos.

Certa linha de investigação antropológica já procurava entender os princípios de parentesco nas sociedades dos próprios antropólogos (Schneider e Smith 1973, Yanagisako 1978, Strathern 1981). Mas, de acordo com Fonseca (2010), foi a obra de David Schneider (1984) que propôs uma “crítica ao estudo do parentesco” que teve o impacto principal sobre os pesquisadores que trabalhavam nessa área. Virando a lente de análise contra a própria disciplina, esse autor sugeriu que os termos analíticos usados até então para definir “parentesco” e “família” – centrados em grande medida na consangüinidade - refletiam, mais do que qualquer realidade na Melanésia, na Nova Guiné ou na África ocidental, os valores da sociedade do pesquisador (FONSECA 2010).

Assim, os antropólogos se deparavam com a suspeita de que estavam cometendo os dois

pecados capitais de sua disciplina: o essencialismo e o etnocentrismo. Previsivelmente, essa “desconstrução” do próprio fenômeno sob estudo redundou num profundo questionamento entre pesquisadores sobre o sentido de trabalhar com esses termos (FONSECA 2004).

É importante pontuar que as zonas de sensibilidades intelectuais são também zonas políticas, a efervescência do debate e da discussão acerca de família está atrelada também a uma discussão sobre o gênero junto do movimento feminista colado ao mundo acadêmico, é uma disputa por espaço e uma renegociação de poder.

Sujeitos acadêmicos são também sujeitos políticos, as discussões feministas de gênero e raça são colocadas como discussões anticoloniais no seu sentido profundo que está propondo repensar uma produção contínua do social e do simbólico, traçando debates e relacionando a antropologia com a política travando disputas conceituais acerca de gênero e família, natureza e cultura, natural e social, colocando o debate da família, afirmando como um lugar que não é uma unidade natural, biológica, e sim como um produto ideológico historicamente produzido e moralmente sustentado.

A partir disso as questões dos anos 60/70 são recolocadas para gente em torno da raça, classe, do gênero, da família, daquilo que é natural, assim como moral. Dado esse contexto nos propomos a pensar família dentre essas tessituras que cabe perguntar: Como você pensa família sem ser pensado pela família? E como fazer isso quando se estuda a própria família que é o meu caso. Quando falamos de família, estamos falando do que? Até onde vai a família? E a desfamiliarização? Como pensar essa unidade que não é fechada e nem discreta? Como pensar essa disposição moral que constrói pessoas e pertencimentos? A partir desses questionamentos e de um pouco daquilo que foi discutido durante essa disciplina pretendo construir um diálogo com a minha pesquisa que também é uma pesquisa de família, em família atravessada por questões de gênero e raça, proponho um debate acerca de minha familigrafia.

Feminino como ruptura

Desenvolvo meu trabalho de campo no interior da Bahia, na cidade de Iaçú, num lugar que me é muito familiar, ao trabalhar nesse local e com parte de minha família e suas memórias, questões metodológicas atravessam minha etnografia ao mesmo tempo em que questões geracionais também indicam caminhos nesse lugar familiar que também é distante dos espaços que me construí e constitui.

Voltar para Bahia tem sido um processo de estranhamento muito grande, primeiro porque a Bahia que eu conheço não é mais a mesma, na verdade eu já nem sei mais o que é a Bahia, muito menos se eu sabia chegar lá. Nasci no interior de São Paulo. Numa família com origens diversas, nordestinos migrantes, descendentes de africanos e europeus. Às vezes sinto-me uma colcha de retalhos, não sei exatamente quando comecei a compor histórias, talvez já nascesse com elas, acho que são os retalhos de cada momento, unidos um a um, através das relações de troca e da reciprocidade que formam a “colcha vida” da gente, ninguém se faz inteiro, somos pedacinhos daqui, pedacinhos dali, pedacinhos que foram e que serão. Sou uma “metamorfose ambulante”, logo ir costurando cada pedaço do mundo que me rodeia se tornou algo espontâneo.

O *trecho* é o que tem em comum e atravessa as gerações de minha família, desde as famílias de portugueses que chegaram para colonizar até as famílias que chegaram nos navios negreiros para serem escravizadas. Durreis, meu avô, homem, branco, descendente de português, não tem muitas referências além de seu sobrenome Braga e de algumas poucas memórias das posses de terra de seu avô. Ernestina (*in memoriam*), minha avó, mulher preta, da região da Caatinga Velha - BA, que não possui registros de sua avó, além da história que trabalhava para um grande fazendeiro a troca de roupa e comida e que inclusive o leite de sua avó serviu para os filhos do patrão também, para quem conhece um pouco da literatura e da história de escravidão desse país, sabe o que essas memórias significam, no retrato social brasileiro. A mobilidade, o caminho, mais precisamente o *trecho* sempre esteve presente no vocabulário dessas famílias que se unem com o casamento de Durreis com Ernestina que se faz no *trecho*, que também constrói uma nova família que vem ser lida na chave da família camponesa.

Tenho consciência do rendimento em literatura e demais debates possíveis a partir das conexões aqui trabalhadas, porém não são objetos desse trabalho nesse momento e por uma questão de normas e prazos não seria possível uma discussão mais adensada. Entretanto, destaco

que, de acordo com Heredia (1983) e Seyferth (1985), aqui se opera numa lógica camponesa, apesar de não obedecer alguns conceitos descritos nas literaturas que serão brevemente analisados.

Em Seyferth (1985) “A herança e estrutura familiar camponesa”, artigo denso no qual ela se propõe a falar da partilha da terra, da casa, da família e da herança ou seja formas de transmissão de patrimônio fundiário em Santa Catarina, de modo que ele se aplica de modo diverso das normas que estão colocadas no código civil para evitar a fragmentação das pequenas propriedades. A autora se coloca a pensar a perpetuação do ciclo familiar camponês, determinado pela herança, pensando esse sistema como parte e mediador da reprodução social camponesa e sua persistência desde o início da imigração.

A questão que quero pontuar em diálogo com a autora é que como fatores externos ligados ao casamento e a raça fez com que a lógica de reprodução social da família camponesa fosse quebrada/interrompida na família de Durreis. Anselmo Braga, pai de Durreis, era lido segundo as descrições de Seyferth (1985) como um colono forte na região do sertão da Bahia que me proponho a estudar, ele tinha seu pedaço de chão, 6 filhos adultos que trabalhavam na terra junto com ele e em épocas de água e colheita era possível contratar uma pessoa para ajudar no roçado.

Quando Durreis anuncia interesse por uma *mulher de cor*, o pai tira dele o direito da terra, temos aí implicações de raça também colocadas e como isso interfere no fazer família e na reprodução da herança com a questão do casamento ao mesmo tempo em que o casamento e a relação com a terra reafirma a condição da lógica da reprodução da família camponesa como aponta Seyferth (1985). Lógica essa que será rompida pela segunda geração, dos filhos de Durreis com Ernestina.

Antes de casar e trabalhar na terra, Durreis passou 4 anos “rodando o Brasil e trabalhando fora da Bahia”. Ele se apaixonou por Ernestina, “mulher de cor” assim chamada por ele. Seu pai, descendente de português e preconceituoso disse que não apoiava o casamento e não o ajudaria com nada, por ela ser uma mulher negra. Sendo assim, ele noiva com Ernestina e vive 4 anos fora, trabalhando para juntar dinheiro e se casar. Ele passa pelo interior de São Paulo nas usinas de cana de açúcar, trabalha nas fazendas de Goiás e do Paraná, e por fim e não menos importante também trabalha na construção da cidade de Brasília, foi ensacador de açúcar, vaqueiro, pedreiro e ambulante, e nesse tempo todo manteve contato por um telegrama com sua noiva. Os telegramas não existem mais, numa das vezes que Durreis teve sua casa ainda na zona rural assaltada, levaram o telegrama junto com algumas fotos que ele guardava de recordação.

Durreis resolve *trecheirar* pela primeira vez quando seu pai Anselmo Braga se opõe ao seu casamento com Ernestina, porque ela era uma *mulher de cor*. Anselmo tinha um pedaço de terra, “mas com uma mulher de cor, o filho dele não morava ali,” *por isso eu rompi com o meu pai e sai pro mundo para trecheirar, caçar dinheiro e comprar meu pedaço de chão na Bahia, eu não estava conseguindo fazer dinheiro e a seca estava brava na época.*

D. Eu namorei cerca de 10 anos com Ernestina, e queria casar mais ela, mas não podia, porque não tinha condições, não tinha um pedaço de terra pra erguer uma casa, plantar e viver. Como é que casa sem um pedaço de terra? Por isso eu fui pra Brasília trabalhar pra juntar dinheiro e casar, mas adoeci. Não deu certo! Eu tinha que seguir o plano e cumprir a minha palavra. Ninguém acreditava em mim!

No ano de 60 que chego de Brasília e antes de ir para o Paraná, eu fico noivo de Ernestina, deixei ela noiva para saber que eu ia voltar para casar mais ela, que era pra ela me esperar.

L. Você fica quanto tempo fora?

D. Essa viagem foi longa, eu levei 4 anos fora da Bahia, olha foi difícil demais. Nesse tempo todo, eu falei com ela uma vez só, por um telegrama que eu também perdi quando assaltaram a casa, senão eu te mostrava. Naquele tempo não tinha telefone, celular, e essas comunicação toda de hoje, não! Eu também não tenho caneta, não sei escrever, não tinha como ficar mandando cartas. Quem não tem caneta vai pra onde? Eu mandei o pedacinho de papel com o recado para ela pelo trem.

Meu pai era contra o nosso casamento, por isso demorei mais de 10 anos para casar com ela. Ele não gostava dela ser uma mulher de cor.

D. Quando eu voltei do Goiás depois de 4 anos, eu avisei a ele que tinha voltado para casar com Ernestina, mas ele não me deu um pingão de atenção. Eu disse que queria ele presente no meu

casamento, eu dei as voltas no mundo todo pra casar, deixei ela noiva pra isso.

Ele não gostava da qualidade dela, por ser pobre demais e de cor, mas eu temi, falei que casava e casei mesmo, contra a vontade dele e tudo. Ele não foi no casamento.

Meu pai era um homem muito bom, trabalhador, dá até vergonha contar um negócio desses, mas é a verdade. No fim da vida Ernestina que cuidou dele e ele foi velado dentro da nossa casa. Por fim, ele gostou muito dela, essas coisas a gente tem que vencer, não pode viver assim, pode ser branco, verde, amarelo, preto ou vermelho, tem que tratar bem as pessoas.

Quero chamar atenção aqui para o significado do noivado e peso que ele tem nessa trajetória, como Durreis decide operar diante da negativa do pai, de uma quebra por dentro, o noivado ocupa um lugar simbólico efetivo regido por uma moral também, ele poderia ter ‘fugido’ com ela, mas decidiu que faria tudo “certo e nos conformes”, porque ele é um “homem direito e de palavra”. Sabe-se que quando as moças fogem, elas ficam mal faladas, e Durreis que sempre foi um homem batalhador não queria isso para sua companheira, até porque era uma questão de caráter para ele, marcada por uma moral cristã também. “Eu queria casar debaixo da bênçãos de Deus, eu já não tive a benção de meu pai no casamento, não podíamos casar sem a benção de Deus.” Nem que para isso ele tivesse que trilhar um caminho mais difícil, “o importante é que eu venci Luana, debaixo das bênçãos de Deus, que me deu os consentimentos, eu fui conquistando minha terra, construí minha família e ninguém morreu de fome”.

A mulher preta, rompeu com um ciclo familiar, constituindo uma outra família, na busca por uma nova terra, traçando outras complexidades para a lógica camponesa.

Feminino como mediação

Sou filha de Maria, a filha mais velha de Durreis e a primeira que tentou a vida *no trecho*, na segunda geração, nasceu em Goiás e foi criada na Bahia e veio para o interior de São Paulo na sua juventude. Ela saiu da casa dos pais com 26 anos para morar com um tio Elisio Braga, irmão de Durreis, no interior de São Paulo. Elisio já morava em Taiacu-SP e era casado com Conceição que possuíam dois filhos, Maria sai da Bahia com a proposta de morar com esse tio para ajudar na criação dos filhos e *tentar a vida em São Paulo*. Conhece Luiz, meu pai, paulista, filho de pernambucano e uma mãe com origens europeias; Maria decidiu se casar e ficar morando no interior de São Paulo, quando descobre sua gravidez de mim e não voltar mais para Bahia.

Enquanto Durreis se joga *no trecho* para conseguir recursos para permanecer na terra, Maria sai da terra e busca recursos para não precisar voltar mais, o casamento e a gravidez é o grande marco de ficar e se fixar em solos paulistas com a preocupação para com a terceira geração da família que se inicia com a minha chegada no mundo. Desde então Maria retornou para Bahia para passar temporadas de férias e fazer visitas a família, segundo ela nunca teve ganas de voltar e isso não se apresenta nos seus projetos de vida.

Maria é uma mulher visionária, até então nenhuma pessoa havia passado por bancos escolares na sua família, quando ela descobre sua gravidez o desejo que eu trilhasse caminhos diferentes por outros *trechos* saltaram aos seus olhos e assim eu nasci no interior de São Paulo e sou a primeira pessoa a ter o ensino médio concluído na família, sendo também a primeira que ingressou na universidade pública e que hoje cursa doutorado.

Tanto que quando conto a Maria minha decisão de voltar para Bahia para realizar o meu trabalho de campo, ela me pergunta: -“Oxê, Luana, não sei se eu gosto disso não. Se eu vim de lá pra tu poder ter uma vida melhor, para você poder estudar, porque é que você está voltando? Para de graça menina, vai caçar o que naquele lugar? Aaah, eu vou querer é ver esse seu trabalho, heim.”

Durreis teve 6 filhos, todos com Ernestina segundo ele, os dois primeiros nasceram em Goiás, o restante na Bahia, e todos os filhos foram criados na Bahia, sendo 4 mulheres e 2 homens. Hoje de todos os filhos, apenas uma filha mulher mora na cidade de laçu, todos os outros 5 estão espalhados pelo estado de São Paulo e saíram de casa após a maioridade o que implicou decisivamente na partilha da terra e na herança de modo oposto aos que Heredia (1983) e Seyferth (1985) tinham proposto, dado a questão da mobilidade e de um não desejo de regresso para a terra de um camponês que era lido como forte, bom produtor, bom trabalhador. Etc.

As terras de Durreis foram conquistadas no processo de *revolução da terra*, que ocorreu

junto a fundação do sindicato dos trabalhadores rurais de Iaçuba, sendo ele um dos líderes do movimento a terra e a política estão intrinsicamente ligadas, dando a ela um sentido de vida e riqueza, como já trabalhado em Heredia (1983) “A morada da vida”, toda riqueza sai da terra.

Em uma análise da organização interna de unidades de produção camponesas, há muitas semelhanças na lógica de repartição de trabalho e de sua divisão social a partir do gênero e como está categorizada o trabalho está em jogo e sendo o tempo todo recolocada e negociada. Tanto que por mais que a feira fosse um espaço público e de negociação, havia toda uma negociação com a autoridade máxima (pai), do trabalho com o roçado e com a compra de farinha para que as meninas pudessem ir vender aos sábados na feira com o pai, eram acordos de negociação entre o trabalho e a possibilidade de transitar nos espaços públicos. Mostrando também como as relações de público e privado da casa se misturam, interpelam ao mesmo tempo em que estão em constante negociação.

Todos os filhos de Durreis trabalharam na terra, tantos os filhos quanto ele diz isso, todos os filhos reclamam do fato dele ter sido um pai rigoroso, rígido, bravo e limitador, fator que fez com que 5 deles buscassem a vida fora dali para além da busca pelo trabalho proletariado. Das quatro filhas mulheres, uma saiu da casa acompanhada pelo tio, e as outras 3 após o casamento, os dois filhos homens saíram quando decidiram não trabalhar mais na terra e quando ainda eram solteiros.

Após a saída dos filhos e falecimento de Ernestina, junto ao avanço da idade e complicações de saúde Durreis se vê obrigado a vender a terra na zona rural e morar na cidade, sob forte pressão dos filhos também.

Após a venda da terra, Durreis nunca mais havia voltado lá, disse que só voltaria comigo, relata que tudo que fez no lugar foi pensando na família e agora que a família não estava mais com ele lá e os filhos não quiseram ficar com a terra, não fazia sentido voltar, mas como eu sou sua neta e fui visitá-lo para fazer um trabalho com a sua história, ele voltaria comigo, pela família ele trabalha e permanece na terra ao ponto de receber o apelido de *defunto teimoso*, por conta da família ele vende a terra e sai dela, e com alguém da família ele retorna à terra.

Durreis vestia uma camisa azul royal e me contava como havia trabalhado na terra, os empréstimos que fez e chorava ao contar a sua história com memórias de saudades, sentamos num banco que ele havia construído com uma árvore que derrubou e ainda permanecia lá na frente da casa, tirou o chapéu preto que anda com ele para todo o lugar que vai seja noite ou dia, faça chuva ou sol, e guarda histórias e memórias pelos lugares que anda junto com ele.

Pergunto como é voltar depois de tanto tempo ele me diz que não sabe nem o que falar, *“Eu nunca tive coragem de voltar aqui, eu vim pensando como era que eu ia chegar aqui, eu tô feliz demais de trazer tu aqui de novo, é um gosto pra tu e pra mim, você não tem ideia do quanto que eu gosto desse lugar aqui, mas eu achei que ia morrer logo, quis vender pra dar a parte dos filhos, mas nenhum quis a terra, vendi e dei o dinheiro, afinal, eles todos trabalharam aqui e me ajudaram a construir esse lugar, eles tem mais que direito nisso tudo. Mas eu só vim porque tu tá aqui, porque sozinho eu não vinha não”*.

Estava muito diferente, o terreiro com galinhas, o umbuzeiro com balanço, a mesinha para lavar louça que tinha no quintal, as plantas na frente da casa, os gados no pasto não existiam mais, a casa estava fechada com uma janela aberta. A casa estava toda suja, abandonada, ninguém mora mais lá e o atual dono usa para guardar madeira. Por um momento parecia que alguém tinha matado uma parte da minha infância e da adolescência.

Ele ia mostrando as coisas e falava *“essa cerca aqui foi eu quem construí, esses tanques bonito foi eu quem fiz, fiz um empréstimo no banco, gastava mil, dois mil pra fazer e dar manutenção, eu gastei cerca de 5 mil reais na derradeira limpeza e manutenção desses tanques antes de vender. Além do empréstimo, vendia gado para investir e tudo, paguei com o dinheiro da venda, olha como está bonito, trabalhei demais aqui! Demais!”* Estar bonito, significa estar cheio de água.

“Todos os três tanques foi eu quem construí, aqui a gente sofreu muito por falta de água, tá vendo como está bonito? Tudo cheio, é pra muito luxo mermo, tira foto pra tu mostrar como é bonito e que aqui a gente trabalha muito também. Pensar que a gente trabalha tanto pra fazer as coisas rapaz, depois entrega pros outros por pouco dinheiro e saí, como é que pode um negócio desse, Luana? É uma merda mesmo! Izaías trabalhava aqui mais eu, depois que os filhos saíram tudo ele via eu sentando nesse chão, me arrastando pra plantar uma melancia, uma abobora, é ele que me dá o apelido de defunto teimoso (risos). Dizia que eu era ruim de morrer, que nunca tinha

visto um homem trabalhar tanto quanto eu desse jeito e ser teimoso em cima de uma terra assim. Eu tenho muita saudade daqui”.

Nesse momento deixamos a beira do tanque e Durreis desaba a chorar e continua

“Eu fiquei muito arrependido por ter vendido aqui, pra mim ter ficado no lugar era melhor, achei que ia morrer logo, tô vivo até hoje, eu ficava muito satisfeito de morrer e deixar aí, mas não tinha outros bens nenhum pra deixar pros meus filhos, eles também não iam saber vender, para tirar os custos que eu gastei aqui.”

Pergunto se ele achava que valeria a pena ficar lá sozinho e que estaria vivo até hoje morando lá e não dando a assistência à saúde que vinha dando nos últimos anos em sua vida, ele me responde que: *“Ah, isso não dá pra saber, eu ficava muito preocupado que tinha que arrumar um dinheiro pros meus filhos, hoje graças a Deus ta tudo casado, cada um tem sua família, sei que não passam fome, mas é tudo pobre, nem todos tem sua casa própria ainda, se eu ficasse aqui e morresse os menino iam vender isso aqui de graça, como de fato eu também vendi barato por demais, mas o povo aqui na região, os fazendeiro, né? Achou que eu vendi muito caro, mas não foi, eles que não queriam pagar o que valia, pra mim eu tinha o maior prazer de dividir tudo com os filhos e ter a ousadia de ficar aqui, mas nenhum quis e comprava uma casinha na rua, ficava lá maior parte do tempo, mas sempre ficaria aqui também, até quando Deus me levasse.*

Não queria um palmo dessa terra, só queria usufruir dela mesmo, ter uma vaca ai dentro, um jegue, umas galinhas, eu nunca soube fazer nada nessa vida a não ser roça, o meu caso é tocar roça, beneficiar pasto, essas coisas. Então na cidade eu sou igual a um pato, não sei fazer nada, ai me afobei e preparei o lugar pra vender, Deus me ajudou no ano com a chuva e eu vendi, esse lugar aqui é muito valioso, eu sempre fiz meu pasto, minha roça e também cuidei pra não desmatar tudo, sempre deixei preservado uma parte de área nativa, uma capoeira bonita rapaz, - aponta com o dedo pra mim e mostra-, Tá vendo essas árvores e essa mata verde ali, tudo eu que cuidei e preservei, temos que cuidar das coisas que Deus dá pro homem sobreviver. Não tem outro jeito, agora é assim, né?”

Eu morei aqui nessa terra por cerca de 40 anos, construí minha vida e criei meus filhos aqui, não tinha nada, tudo o que você vê hoje e já viu durante a sua vida fui eu quem construí. Passei muita dificuldade, fui muito rançoso, trabalhava em Goiás, São Paulo, ficava indo e voltando, trabalhava lá e aqui, trabalhei demais, quando ficou bom eu já não podia mais possuir e usufruir, a qualidade de vida aqui por conta da saúde não permitia. Mas agora não tem pra onde crescer mais não, já desfinanciou minha situação toda.

Do fundo do coração eu nunca queria ter saído daqui, mas pra todo efeito eu nunca mais vou achar um lugar igual esse aqui, que era meu! Era despreparado, mas eu fui ajeitando, construindo o tanque com muita luta entregando tudo na mão de Deus, pedindo as bênçãos divina, quando eu botava uma coisa na cabeça eu ia lá e fazia, assim igual tu faz com teus estudos. Tem muita coisa feita aqui, e fui tudo eu quem trabalhei e fiz, agora diz pra mim, tem cabimento esse povo dizer que nordestino é preguiçoso? Essa gente que diz isso, não aguenta um dia de sol de trabalho igual a gente faz aqui, ia tudo morrer de fome.

Sabe Luana, se eu achasse um lugarzinho barato eu comprava pra mim, eu gosto mesmo é de viver na roça, a cidade não é coisa de gente não, lá também falta água, tem dias que chove e eu fico 2, 3, 4, as vezes até uma semana com falta de água lá em casa, aqui os tanque ficava cheio e nós não passava dificuldade com falta mais não, ainda mais depois de Lula e o governo do PT, todas as casas agora tem um tanque com água, ninguém morre mais de sede, nem gente nem a nossa criação, e tem gente ainda querendo prender esse homem, pode ter certeza que quem prende ele nunca comeu farinha com açúcar.

Na roça sempre tem trabalho, a gente trabalha na terra e planta pra ter o de comer e pra vender na feira depois, essa coisa de desemprego e falta de oportunidade é coisa da cidade.

Assim que eu vendi isso aqui, eu mudei pra rua e nunca mais voltei, só voltei hoje mais tu pra tu ver e a gente fazer essa entrevista, eu nunca tinha coragem de vender isso nunca, mas agora já foi eu vou fazer o que? Eu só vim pra te mostrar, mas é uma coisa que não é minha mais. Mas por hoje ta bom, vamos encerrar o assunto que os trambique de hoje já foi feito.”

Aqui é possível perceber as diversas mediações que foram feitas pelo feminino para a saída de casa e todas as negociações e mediações que implicaram a primeira filha mulher ir morar com

o tio no interior de SP, as negociações do gênero dentro da família e o quanto isso começa a ser afrontado e renegociado a partir da terceira geração com a minha volta, que é também um recontar dessa história familiar que torna possível diálogos e deslocamentos que até então não tinham sido feitos ou eram tidos como segredos de família. A história do casamento e o rompimento de Durreis com o pai era um segredo de família, na qual eu sou a primeira pessoa que ele revela. Interessante pensar como eu vou rompendo essas normas, a partir de quais poderes e identificações com esse outro masculino, que associa a luta dele pela terra com a minha luta pelos estudos, quais poderes o letramento me traz para negociar com a minha mãe, voltar para a Bahia e acessar os segredos de família do meu avô? Perguntas essas muito inspiradas nas leituras de Foucault e Butler que discutimos em sala de sala do quanto precisamos falar das normas e de seus desvios, e entender como o poder é um espiral que se retroalimenta e de como o feminino também está o tempo todo produzindo poder dentro de uma lógica masculinista.

Feminino como afronta

Maria, filha mais velha de Durreis e que também é minha mãe, nunca me questionou sobre os meus afazeres acadêmicos, pelo contrário, sempre tive muito incentivo e nunca houvera qualquer tipo de cobrança, fiquei a pensar o que viria significar o “*eu vou querer é ver esse seu trabalho*”. Na primavera de 2018, Maria voltou para escola, está cursando o EJA, disse que quer aprender a ler e escrever melhor, e deseja muito ler o meu trabalho depois que ficasse pronto. Ela recomeçou a primeira série com 52 anos.

Eu sou a primeira mulher letrada na minha família, e sou a primeira mulher da família que decidiu voltar para Bahia, também sou conhecida por *trecheira* no ambiente familiar, afinal sai de casa com 15 anos de idade, sem ser maior de idade e não acompanhada de um homem.

A mãe não gosta de acessar as memórias da Bahia, para ela são lembranças de sofrimento, mas a fala dela, o sotaque, a comida, a moralidade é toda marcada pela baianidade. Isso é identidade, é território carregado e guardado nas ações da vida. Não é porque algumas coisas não são reais que elas não existem, até porque existe uma outra materialidade no cotidiano mostrando que o dito é diferente do feito, afinal não é porque pensa que faz, é porque faz que pensa. Pensamento não difere de conduta

Interessante pensar como já apontou Rumstain (2015) a ideia de “andar” no mundo, ou melhor usando a categoria nativa, a ideia de “trecho” pode falar de migrações, deslocamentos, idas e vindas, muito podem revelar a respeito de outras questões que vão além do movimento de pessoas em si. O movimento pode nos fazer pensar sobre, por exemplo, configurações políticas e econômicas locais, valores e julgamentos morais que permeiam as discussões sobre os deslocamentos dessa ou daquela pessoa, ou ainda, pode proporcionar uma reflexão a respeito das relações de parentesco e família, além de outros vínculos ou formas de relacionar-se. (RUMSTAIN, 2015)

Todo esse relato é para demonstrar como as análises acerca da *volta*, do *trecho* e do gênero se dão e constroem na minha família antes mesmo de eu me tornar uma antropóloga e escolher voltar para Bahia para trabalhar com essas categorias, minha etnografia começa antes do meu diário, antes de me tornar antropóloga, ela começa com as andanças no *trecho* dos meus tataravós e principalmente com as memórias coletivas da família e também as de minha infância e só foi possível tornar-se antropóloga e voltar porque outros *trecheiraram* e decidiram não voltar como foi descrito anteriormente.

Ocupar esse lugar determina o meu lugar no campo, a minha entrada e as formas com as quais eu estabeleço as minhas relações ao ponto de ser considerada filha da terra, mas quando volto letrada e como antropóloga recebo o apelido de *estrangeira*.

A partir desses fatos construímos nossas etnografias, o método etnográfico em si, implica a uma recusa daquilo que é dado previamente e a partir disso pode-se entender junto a tantas monografias já feitas que teoria e empiria não estão em pares de oposição, a etnografia nos mostra como a empiria e os fatos são ao mesmo tempo teorias que trabalhamos. A própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual.

Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isso desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar – o que alguns gostam de nominar “novos métodos etnográficos”. Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. (PEIRANO,2014).

Como aponta Peirano (2014), a etnografia abala nossos estilos de vida e nossas ideias de existência; abala nossa crença moderna na referencialidade dos sentidos e impõe uma reflexão sobre a multiplicidade de modos de vida, inclusive nos permite pensar a multiplicidade de modos de voltar, *trecheirar* dentro de uma mesma família de acordo com cada geração e condição de gênero em que cada agente foi colocado.

Permitindo assim pensar como esses afetos ou fatos etnográficos para usar uma linguagem antropológica de Pritchard, citado por Peirano (1995), se constituem e operacionalizam em campo é fundamental para compreender as aberturas que me foram possíveis e elucidar de forma racional e científica, o que incide sobre os sujeitos em campo em suas relações um com o outro, no seu exercício de alteridade ao ponto da *estrangeira* se tornar *filha da terra*, o que só é possível se vinculado pela via do discurso dentro da prática cotidiana, no seu exercício dos efeitos próprio do campo da linguagem. Entendendo assim esses afetos, fatos e relações como construções do fazer social de cada dia. Relembrando que afetos não são vistos apenas no campo do prazer (alegria, realização, satisfação etc.), mas também no campo do desprazer, como luto, tristeza, desatenção etc. Ou seja, do mesmo jeito que essas transferências e conexões produzidas em campo podem ser positivas elas também podem ser negativas e perigosas, quando se faz parte dele também. De modo que qualquer interpretação ruim que possa haver também reflete nas relações que meu avô tem pré-estabelecidas com as pessoas que ali vivem

Pensar os fatos como categorias de análise, que são possíveis de criar novas categorias, ao mesmo tempo em que são. Como os afetos, que podem construir alianças e desonras, como é possível construir laços, parentescos e também território, através da dimensão dos afetos que nos atravessam. Criar laços afetivos e ou de parentesco com os territórios, significa criar marcas com o mesmo. Interessante pensar quais as motivações objetivas e subjetivas que nos levam a construir e ocupar determinados territórios e construir nossas identidades e como isso reflete nas nossas análises.

Os trabalhos de Dainese (2011) e Rumstain (2015) também nos permite repensar os modos de se pensar e produzir as etnografias, atravessadas por questões de tempo, gênero, classe e circulação pelo mundo que permitem dialogar com a minha pesquisa e repensar o meu lugar de neta, antropóloga, *trecheira*, *estrangeira* e *filha da terra*.

A tese desenvolvida por Dainese (2011) trouxe questões para compreender melhor a minha condição de mulher e de *estrangeira*. Quais as condições e materialidades que me marcam que aproximam ou distância das outras mulheres locais para determinadas interpretações que determinam a construção e a tradução da etnografia.

Desse modo, a tradução dessa experiência de pesquisa não consiste num relato de um período de vida do pesquisador em dado lugar, durante certo período de tempo, mas tampouco desconsidera o que foi a presença desse pesquisador nesse lugar e durante esse tempo. Nesse sentido, a tradução etnográfica do que observei sobre a vida nessas localidades rurais segue acontecimentos relacionados à minha vida nesses lugares, no intuito de problematizar o que os margeenses

tinham a me dizer de mais importante sobre suas vidas, considerando que o que dizem sobre si mesmos não está dissociado do que pensavam sobre minha presença entre eles. (DAINESE 2011).

O fato de ser neta de Durreis me torna *nós* e me aproxima mais de ser *filha da terra*, ao mesmo tempo que na relação antropóloga x instituição pública, me torna outros e de certo modo a *estrangeira* que “vai escrever um livro” e fazer com que aquele lugar e pessoas se tornem *famosos no Rio de Janeiro*. Essas aproximações e distanciamentos vão desenhando o campo junto as intervenções de Durreis no campo das dimensões afetivas que vão marcando e condicionando o território estudado, de forma que pode-se perceber isso nos modos como eu transito e sou recebida, não só pelo meu avô, mas também pelas pessoas que ele me apresentou.

No quinto capítulo de Dainese (2011) em que ela trabalha “Outros desentendimentos”, é possível se atentar para uma forma de como as pessoas da localidade a leem, sobretudo como mulher, colocando questões nas quais foram possíveis de me identificar em campo e que numa análise profunda legitimam o meu lugar de “estrangeira”.

Quando Dainese (2011) nos traduz as diferenças entre mulheres solteiras, sozinhas e regateiras e sob qual lógica cada uma dessas categorias são colocadas e como ela é lida como sozinha e “do mundo” em campo a partir delas é possível pensar como a nossa condição de mulher e o gênero vai permeando e construindo as relações em campo de modo a montar a etnografia.

Raulina, é uma interlocutora muito importante é ela quem me apelida de estrangeira, diz que sou estrangeira porque ela também é. Lá nós duas somos estrangeiras. Rau está fazendo tratamento psiquiátrico e tem sofrido questões com sua saúde mental. Chego na Bahia logo após o surto e tenho uma relação muito próxima com ela e a família. Ela diz ter a impressão de me conhecer há anos.

Durante o jantar do meu primeiro dia em laçu como antropóloga-neta, conversamos um pouco sobre o meu trabalho e o que pensava em fazer, Durreis conta que já havia anunciado minha chegada para alguns amigos líderes sindicais e também para a vizinhança.

Logo após a refeição, ele reforça dizendo que quer me apresentar para os vizinhos, Dona Dalva e seu Mané vermelho, principalmente, pois são muito amigos dele e já haviam perguntado por mim, “*não dar atenção a eles seria uma desfeita*”. Ele sugere visitar Mané vermelho em primeiro lugar, pois uma das filhas dele havia surtado com crises de depressão e ansiedade e ele pede para que eu vá na casa conversar com as pessoas, ver a moça e dar uma possível orientação para família.

Eu dou risada e digo que não sou médica e nem psiquiatra que não podia fazer isso, e ele responde: “*mas tu é sabida vai poder dar uma boa orientação e dizer em qual medico levar, eu já falei que tu vinha, eles estão esperando*”. E ali eu já começo a ficar preocupada e a me questionar que lugar é esse que estou ocupando no imaginário dessas pessoas que já tinham expectativas com relação a mim e eu ainda não as conhecia.

Ele se demonstra muito animado com a pesquisa, diz que será um “trabalho profundo,” que deve ser muito bem feito, que eu tenho que conhecer a cidade, as pessoas, as condições que as pessoas vivem lá, a assistência social, “*porque é um assunto muito sério*”. E por isso que ele faz questão de contar e recontar os causos todos tudo certinho sem interrupções. Durante as nossas conversas ele vai perguntando se eu estou entendendo e vai fazendo provocações questionando onde ele estava mesmo para testar a minha atenção.

No dia seguinte meu avô me leva para visitar a vizinhança, saímos de casa para ir direto à casa do seu Mané vermelho. No portão conheci Maria Rita, atravessamos a rua e depois do terreno baldio chamamos pela família, a rua Jorge Amado de meu avô, assim como a São João que é a da casa de Mané vermelho não são pavimentadas, o chão é em areia e com a chuva que chegou no verão estava toda esburacada. Durreis assim como Mané que possuem problemas nas pernas e tem muita dificuldade de se locomover, andam sempre devagar entre um tropeço e outro.

Chegando lá, estava Mané, sua esposa e as três filhas, uma delas mora na capital, em Salvador e estava no interior para ajudar a mãe a cuidar da irmã que surtou, meu avô me apresenta: “*Essa é minha neta que mora em São Paulo e estuda no Rio de Janeiro, ela está estudando pra ser uma doutora, tipo uma juíza, só que melhor, ela estudou toda a vida, já fez várias formaturas, eu já fui em duas, e tá estudando pra fazer a terceira*”. Ele se referia a minha formatura do ensino médio e

a da faculdade que ele fez questão de se fazer presente, afinal eu sou a primeira pessoa a concluir o ensino médio na nossa família, ter uma formatura já é algo novo, duas é algo *extraordinário*, quanto mais estudo, mais prestígio.

Até então eu não tinha falado nada, apenas sorrido, Durreis fazia questão de me apresentar e falar por mim até que me apresenta a Raulina. *“essa é a moça que te falei”*, Rau. Ela vestia uma blusa rosa, com uma saia florida até o joelho, ela se ajoelha, beija minha mão e diz prazer, peço para ela se levantar beijo a mão dela de volta e pergunto como ela está, o que ela gosta de fazer e começamos a conversar, entre a nossa prosa a família nos interrompia para contar o que aconteceu com Rau, descreveram o processo, o surto que levaram no médico e que ficará por dois dias dopada, que estava tomando remédios e passaram o histórico dela, inclusive que não era a primeira vez que surto acontecia e que ela já tomava um remédio controlado que foi interrompido porque o marido pediu para ela tentar engravidar. Fiquei cerca de duas horas na casa conversando com Rau e sua família.

A conversa segue, falamos sobre os processos e o surto de Rau, se eles haviam procurado um Capes etc. Dou orientações sobre o que é o Capes e que eles deviam procurar por um psiquiatra e um psicólogo e assim seguem, após a consulta de Rau no Capes me procuram novamente para mostrar a receita e os remédios que o medicou havia passado, me perguntando o que eu achava dos remédios e da nova rotina de Raulina. Mais uma vez eu tento ressaltar que não ou médica nem farmacêutica que não poderia opinar com convicção e nem com verdade sobre aquilo.

Após esse episódio tento explicar com minhas palavras um pouco da minha pesquisa e o que estou fazendo por lá, e falo, *“olha, eu não entendo nada de remédios, porque eu não sou médica e nem farmacêutica, tenho amigos que são da área e posso mostrar pra eles e perguntar o que eles acham”*. A irmã mais velha de Rau me olha com cara de espanto e pergunta, *“O que você faz, então?”*, respondo que sou antropóloga, *“o que é isso? Você trabalha onde e fazendo o que?”* Eu travei e não conseguia explicar, disse que era pesquisadora que meu trabalho era ver como as pessoas vivem e fazem a vida delas acontecer, o que elas plantam o que elas comem e escrever sobre isso. Ela insiste e pergunta, *“mas você trabalha onde? Em qual lugar? Quem te paga?”* Eu respondo que o governo é quem me paga e eu trabalho aqui nessa conversa com vocês, nos lugares que vou depois presto conta na universidade que estudo. *“Então você trabalha viajando, o governo te paga para viajar e escrever essas coisas, tipo fazendo livro?”* eu respondo que é mais ou menos isso, ela diz *“acho que entendi, o seu padrão é como se estivesse lá em Brasília, mas você presta conta no Rio e faz um livro da história da gente, é isso?”* Eu respondo, é isso! E me dou conta que eu não sabia responder o que é ser antropóloga e muito menos conseguia elucidar e menos ainda materializar o meu trabalho para os meus interlocutores e acredito que pela primeira vez eu quebrei aquela imagem criada pelo meu avô.

Todos os dias Rau passava na casa de meu avô para nos visitar, sempre se referia a mim pelo meu nome, me chamando de Lua, certo dia eu não estava lá decorrente de outras atividades em campo, quando chego meu avô disse *“Rau esteve aqui e perguntou pela estrangeira, eu disse que você tinha saído e esquecido de voltar embora”*. Era um final de semana e eu tinha decidido dormir de um dia para o outro na casa da minha tia, quando cheguei e descobri o meu mais novo apelido.

Achei muito interessante e fiquei instigada pensando na *estrangeira*. Até então ninguém havia se referido a mim de outra forma a não ser a neta de Zé Durreis, nesse dia aguardei ansiosamente pela visita de Rau, quando ela passa por lá e diz *“Oh Lua, eu vim ontem te visitar e você não estava”*, eu respondo que fiquei sabendo e que inclusive tinha recebido um apelido e queria saber mais dessa história, ela riu, e eu insisto, *“você me acha estrangeira Rau?”* ela responde *“acho”*, pergunto o porquê e ela diz *“porque eu também sou”*.

Naquele momento ela trouxe um elemento de análise riquíssimo para meu trabalho, ao mesmo tempo que fui muito bem acolhida, cuidada e bem tratada pelas pessoas do lugar, eu era vista como diferente assim como ela, havia algo em mim que destoava do que era dado como “normalidade” para as pessoas daquele lugar, ela assim como eu, sabia que nos bastidores estávamos de certa forma fora do grupo social, afinal, nos bastidores da Rau o que eu ouvia era, *“a Rau é uma menina muito boa, você precisava conhecer ela quando tava boa”*, *“quando a Rau era normal, ela parecia outra pessoa”*, e por ocupar esse lugar ela cria um outro novo lugar para nos duas, e desde então eramos as estrangeiras.

A diferença é que as pessoas não se referiam a ela como a *estrangeira* e a mim sim, depois dessa história de Durreis compartilhar (fofocar) ela com a vizinhança, começaram a se referir a mim como a *estrangeira*, a partir de então, por alguns dias durou a “*brincadeira*”.

Ter o domínio da leitura e da escrita tem um certo peso por lá, no primeiro momento/contato eu senti que despertava muita curiosidade nas pessoas ao mesmo tempo que elas se acanhavam de certa forma para se dirigir a mim. Nas conversas elas diziam, “*eu não sou muito entendido(a), não frequentei a escola*”, em contextos que isso não era pedido como informação. Porém isso não durou muito tempo, todos os dias a partir das 17:30 toda a vizinhança senta na calçada da casa de meu avô, Dona Dalva, Maria Rita, Claudia, Rau, Mané, Durreis, Ana, as irmãs de Rau e eu.

Ali se fala sobre o tempo, sobre o céu, a terra, Deus, política, a vida particular de cada um, eles compartilhavam dores e alegrias, se ajudavam e faziam manutenção dos laços criados, a ponto de se reconhecerem como uma família, criando parentesco por laços afetivos e não só consanguíneos. E foi nessa calçada também que me tornei meio advogada, meio médica, meio doutora, meio juíza, meio assistente social, meio professora de inglês, por compartilhar um pouco dos conhecimentos que tenho e adquirir durante os processos de minha vida e formação e me fiz antropóloga.

Foi na calçada que estreitei laços e me fiz íntima ao ponto de ouvir de dona Dalva “*Ai, Luana, as vezes eu até esqueço que você é estudada, nem parece que você nasceu em São Paulo, parece que você sempre foi daqui e é gente da gente, como a gente, simples e humilde*”. Todos dão risada e concordam com ela. Assim pela primeira vez, eu pude perceber que havia me tornado “*filha da terra*”, assim chamada por outras pessoas em outras situações de campo, ou melhor, era percebida como “*gente da gente, simples e humilde*” e não era mais somente a “*estrangeira*”.

Destarte, as indagações e colocações de Dainese (2011) me colocara a refletir se minha condição de estrangeira era dada somente pelo acesso a informação e o domínio da escrita e pude perceber que não, visto que em outros momentos de compartilhamento e socialização local outros condicionamentos e questionamentos acerca do meu modo de vida eram colocados em público e olhados com estranhamento.

Muitas foram as vezes que me perguntaram se eu havia deixado meus filhos e meu marido no Rio de Janeiro para estar lá estudando, homens e mulheres me faziam essa pergunta cotidianamente durante todo o campo. Perguntavam se meu marido tinha deixado eu ir pra lá sem ele, antes mesmo de perguntar se eu era ou não casada. Quando eu respondia que era uma moça solteira que não tinha marido e nem filhos, eles ficavam horrorizados e perguntavam quantos anos eu tinha mesmo. Porque não é comum as moças da minha idade solteiras, muito menos moças solteiras viajando sozinhas pelo mundo.

A minha condição de mulher negra, antropóloga com 24 anos, solteira e sem filhos também me colocavam numa condição de *estrangeira*, a partir do gênero. Apontando o gênero e o ser mulher como um marcador social muito importante, retomando aqui que Rau tem o surto, porque para de tomar sua medicação por “*sugestão*” do marido para tentar engravidar, Rau possui a mesma idade que eu. E sabia naquele momento, muito melhor do que eu dos nossos estrangeirismos. Raulina se identificava comigo por vários motivos, algum deles talvez o fato de não ser mãe aos 24, também saber ler e escrever sendo mulher negra, pobre e a única que sabe fazer isso no ambiente familiar, gostar de Sandy e Junior etc. o quanto isso nos faz estrangeiras naquele lugar fora os outros motivos e leituras que se fazia de Rau, por conta da saúde mental.

A diaba veste Museu Nacional

Tudo isso é possível de se construir nas interpelações das minhas relações de *antropóloga-neta*. A antropóloga só pode permanecer porque a neta existia e a neta só pode acessar determinados afetos e discussões porque a antropóloga se fazia presente, numa dinâmica contraditória, complementar, interseccional e dialética. Dialética essa que não está na relação em si só, mas também na análise que constrói a pesquisadora, Está na pesquisadora e não na relação propriamente dita, explicando melhor, a dialética está em mim, enquanto humana na forma como o mundo se enquadra em mim, e a partir disso é que observo como me enquadro no mundo e escolho ocupar um lugar de intersecção, como *antropóloga-neta*, mulher com tantas pioneirismos e relocalizações de gênero nessa família, desenvolvendo essa pesquisa a partir de dados biográficos

de uma pessoa tão próxima, que está inserido dentro de uma coletividade muito inspiradora.

A neta por si só, não é possível de ocupar esse lugar, ela não daria conta por estar dentro do campo familiar e fazer parte do grupo do nós (eu), mas é por ser neta que consegue ocupar o lugar da intersecção, que expõem as múltiplas facetas que constrói a mesma coisa, pois a neta por si só não é capaz de produzir uma alteridade reflexiva porque ocupa um lugar de nós apenas, sem olhar para os outros (eles). Enquanto antropóloga ela pode ser outros ao mesmo tempo que é nós enquanto neta e dentro desse movimento de juntar as coisas e se ajuntar às pessoas, constrói uma etnografia densa que está para além de apenas tornar as coisas mais complexas. Acionando mecanismos que estão o tempo todo fazendo a família ao mesmo tempo em que ela está refazendo o lugar do gênero, demonstrando também como o gênero tem desfeito, feito e refeito família dentro das gerações nesse contexto familiar como já foi descrito acima.

A *antropóloga-neta*, permite pensar esse espaço, da casa, da terra, da família a partir de uma agência que é generificada ao mesmo tempo que aciona identificações com o masculino que até então era detentor do poder, do saber, quem ditava as normas e também conhecido como diabo pelas suas bravezas e ações cotidianas.

A antropóloga-neta permite renegociar a família, os papéis do gênero e o poder do próprio diabo, ao voltar letrada, emponderada, existe uma transfiguração desse poder que de certa forma já estava na minha família, mas sempre vinculado a figura masculina de meu avô (homem branco) somente, que durante os processos de escolarização vão sendo negociados e compartilhados comigo, até o ponto que decido realizar a minha pesquisa de pós-graduação no Museu Nacional com essa história, família e memórias, na qual ele compartilha e constrói junto comigo, renegociando o poder da mulher para além do lugar da santificação, da dominação, nos permitindo pensar que tipo de feminilidade diabolica é capaz de confrontar e compor junto a uma outra figura diabolica e poderosa como a de José dos Reis Braga. Através das portas que se abriam em campo atravessadas pelos afetos construídos nas relações cotidianas que me fez uma antropóloga-neta, mulher negra, diaba fui capaz de analisar e descrever as multiplicidades que constrói José dos Reis Braga, dentro e fora do campo familiar, trazendo à tona parte de tudo aquilo que o constitui enquanto humano, através de um olhar antropológico. É um falar do outro sendo parte de nós que também é do outro.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAINESE, Grazielle. **Chegar ao Cerrado Mineiro: hospitalidade, política e paixões**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FONSECA, C. L. W. Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea. In: Carlos Benedito Martins; Luiz Fernando Dias Duarte. (Org.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010, p. 123-154.

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cad. Pagu** [online]. 2007, n.29.

HEREDIA, Beatriz. **A Morada da Vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RUMSTAIN, Ariana C. **A Casa e o Mundo Família e trabalho na dinâmica das idas e vindas do “mundo da vida” e da “vida no mundo”**. 2015. 299 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RUBIN, Gayle; Judith BUTLER. Tráfico sexual – entrevista. **Cadernos Pagu**. 21, 2003. pp. 157-209.

SEYFERTH, Giralda. Herança e estrutura familiar camponesa. **Boletim do Museu Nacional**, 52, 1985.

ZELIZER, Viviana. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

Recebido em 15 de outubro de 2019.

Aceito em 1º de novembro de 2019.